

# A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Editor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.728

Sábado, 12 de Julho de 1924.

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 113

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

A mudança de governo não logrou aplacar a fúria de perseguir das autoridades policiais, pois sem motivos que as justifiquem novas prisões de operários se registam!

## Sindicalismo e acção reformista

A luta de classes têm fortalecido o operariado para que só no seu próprio esforço confie

Frequentes vezes, vozes que se dizem amigas e que talvez sinceramente o julguem ser, nos gritam em tom convicto:

— Porque não manda a C. G. T. deputados ao parlamento.

Se se responde a essas vozes que se supõem amigas que a C. G. T. não saírá do terreno profissional para ingressar numa esfera parlamentar, gastando nesse desvio de objectivos e métodos, muita energia e dinheiro, as mesmas vozes murmuram em círculo:

— Porque não votam, ao menos, nos candidatos socialistas para que estes no parlamento defendam questões operárias e ergam o seu protesto contra todas as prepotências partidas do alto? Pois não seria útil que alguns homens de ideias desempoeiradas e socialistas dissolvessem dessa tribuna o parlamento meia dúzia de verdades amargas aos deputados que representam os interesses da burguesia capitalista?

Se a gente lhes observa que a questão social não é uma questão de retórica, que não se trata de sentimentalizar ou insultar a burguesia, mas de derrubá-la; essa gente que nos aconselha o desvio para a acção parlamentar, afasta-se desalentada. Antes da despedida, vencida na nossa obstinada resistência, mostra-se penalizada e confrangida. Lamenta-nos sempre com o ar de quem oferece a um pobre uma fortuna — e o pobre a recusou porque só entreviu na vida o morrer na miséria que sempre vegetou.

\*\*\*

Essas vozes amigas, são assim — vozes inimigas. Mau grado as boas intenções que por vezes as levam a procurar convencer-nos que o elixir parlamentar devido moderadamente, não só não embriaga, nem aniquila, como dá lucides e produz redobramento de vitalidade, pretendem quebrar-nos toda a nossa possibilidade de opor, no presente, à sociedade burguesa, uma barreira formidável, e de constituir, no futuro, uma sociedade melhor.

Essas vozes amigas quase sempre, não são arrastadas para nós por uma simpatia irresistível, mas pelo reconhecimento duma força que convém dominar, para conduzir nesse sentido. Se assim não fosse aceitavam os nossos métodos de acção,



CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

PORTUGAL

1924

## NOTAS & COMENTARIOS

### Vocação errada

No Século de Ontem o sr. José da Miranda fazia várias considerações tendentes a demonstrar que a polícia prendendo na sede dum sindicato, em Gaia, um operário que estava a dormir, demonstrava possessão heroísmo, argúcia e zelo capazes de estabelecer meio mundo. Novas considerações aduziu a seguir para demonstrar que o operário preso pertence a não sabemos que carbonária, não confundir com a excelsa, a republicana, que pretende construir um novo edifício social com muitas bombas e tiros. O sr. José de Miranda depois de todo este arrazoado diz mal da polícia do Porto a quem falta o heroísmo, a argúcia e o zelo que sobejam à de Gaia.

Trata-se por certo dum indivíduo que quando um mau jornalista acabará por largar a pena, para empunhar o bastão, porque poucos, como ele, podem possuir a boçalidade inata num polícia moderno.

### Os maus exemplos

A igreja respondeu que as mulheres deviam, mesmo de verão, de andar com vestidos decotados e de mangas curta, sob pena de ser interditado o seu acesso à mesa eucarística, que é uma coisa que, pelos vistos, lhe deve fazer uma grande diferença.

O cardial Pamili, vigário do papa em Roma, exigiu ainda que as mulheres apareçam na igreja de cabeça coberta. Que era que iria encarar tornou-se agora — pudibundo. Mas, se nos permitem, chama-nos a atenção de Deus para Nossa Senhora da Conceição que não tem a cabeça coberta e que a respeito de tapar o corpo, temos conversado. Também alguns santos, do gênero masculino, se apresentam dum judeusmamente pecador que os desnuda razoavelmente.

Para os desmandos dos santos, a comédia por Nossa Senhora da Conceição, não tem Deus olhos e severidade. Pode devia ter — para se evitarem os maus exemplos!

### VOZ DO OPERARIO

### Cenitlogo duma campanha

Nas colunas de A Batalha iniciámos uma campanha contra as últimas gerências desta Sociedade, da qual resultou uma sindicância feita aos seus actos administrativos.

O chefe do distrito, que superintendia os destinos da Sociedade, após a conclusão da sindicância, determinou a destituição da actual comissão administrativa, que era constituída por sócios efectivos, únicos, que dentro da lei podem ocupar os cargos directivos. Como, porém, a campanha foi manida pelos sócios auxiliares, que constituem a enorme maioria dos associados, o governador civil entendeu nomear uma comissão administrativa, com função de sindicantes, constituída por sócios auxiliares e efectivos, dando assim satisfação aos desejos da maioria dos associados que de há muito vinham reclamando a sua intervenção na administração da Sociedade, pelas imoralidades apontadas e que muito poderiam concorrer para o descalabro de tan prestimosa instituição, que hoje se encontra sob a perspectiva fiscalização dos sócios auxiliares.

Não temos ainda conhecimento dos nomes que constituem a nova comissão administrativa, nomeada pelo governador civil, mas consta-nos que alguns desses nomes são um penhor seguro da imparcialidade com que se, ex.º, tratou

do importante e grave assunto. Amanhã, pelas 14 horas, o administrador do 1.º bairro dará posse à nova comissão, à qual nos consta que assistirão muitos sócios, tanto auxiliares como efectivos, que se interessaram pela campanha por nós feita, cujo epílogo vem confirmar plenamente a razão e a justiça dos sócios auxiliares.

## A polícia continua a perseguir

Além dos presos da Trafaria e de outros pontos, as autoridades prosseguem a prender operários!

nos pretendem os especuladores ver nas nossas palavras um incitamento. Só desejamos lembrar às entidades competentes aquilo que existe na lei e que provavelmente desconhecem, tamanhos andam na fúria de prender quem trabalha, quem produz, quem tem direito a viver porque contribui com o seu esforço para que na meia dessas entidades nada faça.

Arbitrariedades como estas não podem subsistir, não as toleram aqueles que têm em grau superior o princípio de liberdade.

Os operários não podem continuar sujeitos a estas perseguições constantes porque querem trabalhar pois dona forma não se podem sustentar nem a suas famílias.

Se a polícia quere entreter o seu ocio, procure outro modo de vida que seja útil, produtivo e de bons resultados para a comunidade. Prender por desporto, para justificar a razão de existência dum instituição improdutiva, é ant-humano, é criminoso.

Durante 13 dias esteve preso o operário servente da construção civil Eduardo de Oliveira, sem saber porque. Foi posto em liberdade na quarta-feira.

Ontem, pelas 4 horas da madrugada, a polícia foi a sua casa e prendeu-o de novo, encontrando-se incomunicável não se sabe onde.

O operário pintor Manuel Sozzi está incomunicável na esquadra da Mouraria e não no Governo Civil, como por erro de informação, dissemos ontem.

Sabemos também que há várias prisões de operários na Cascalheira e em Palmela e que outras se preparam.

Porque? O que quer a polícia, o que querem as autoridades com estas perseguições consecutivas?

## CRONICA DE HAMON

## A PAZ SEM VENCEDORES NEM VENCIDOS

A guerra encerrou-se por um fracasso completo dos militares de todos os países

Nos dos nossos artigos precedentes

escrevemos que a única paz definitiva só poderia ser uma paz, em que não houvesse vencedores nem vencidos. Esta concepção era a que Wilson exprimiu discursando em 22 de Janeiro de 1917 no senado americano. A mesma concepção exprimimos nós em 1915, quando expusmos aos auditores dos nossos cursos na Universidade de Londres e que publicámos nas *Ligações da Guerra Mundial em 1916*. Ela é, de resto, a dedução lógica dos factos e a resultante lógica da evolução humana, no momento actual.

Também me causa um grande espanto constatar o ilogismo e a cegueira dos partidos da direita, dos governos capitalistas que destruíram a sua marcha. Os conservadores e os reacionários de todos os países esforçam-se por evitar este agravamento da evolução. Pretendem va

litar não houve nem vencedor, nem vencido. Nunca os alemaes soberanamente pelo front oriental, nem os franceses o poderam fazer. O general Pershing constatou este facto insosInstanceIdável.

A guerra de 1914-1918 foi uma guerra de reserva — uma guerra económica. Também a parte «caso» querer dizer a parte ignorada, foi muito pequena, quase eliminada. Assim era fácil de saber desde 1914 que os ocidentais abateriam os contrários: um balanço das forças económicas humanas o encontraria. Durante 13 dias esteve preso o operário servente da construção civil Eduardo de Oliveira, sem saber porque. Foi posto em liberdade na quarta-feira.

Ontem, pelas 4 horas da madrugada, a polícia foi a sua casa e prendeu-o de novo, encontrando-se incomunicável não se sabe onde.

Sabemos também que há várias prisões de operários na Cascalheira e em Palmela e que outras se preparam.

Porque? O que quer a polícia, o que querem as autoridades com estas perseguições consecutivas?

Como estamos habituados a ser acusados de instigadores de actos violentos...

Dando uma prova de demasiada correcção, em contraste flagrante com o procedimento das autoridades, procedimento indigno e provocador, ainda nem um dos operários que têm sido detidos em suas casas altas horas da madrugada nem em prática o que conselha a Constituição. Limitam-se a seguir as arbitrárias determinações da polícia.

Como estamos habituados a ser acusados de instigadores de actos violentos...

A guerra mundial foi um fenômeno

sociológico imenso, irradiando em todos os sentidos, complexo. Nunca existiu um labirinto semelhante, porque tudo entrou em ação, tudo se confundiu e agiu sobre o globo terrestre. Mas se esse labirinto tornava mais difícil o extrair uma conclusão, não a tornava impossível mas mais vasta. Para extrair uma conclusão basta reparar as grandes linhas da direção dos acontecimentos, partindo do princípio científico que a evolução humana não volta à sua origem.

Portanto a guerra mundial tendia a acabar o movimento evolutivo humano, destruindo violentemente os obstáculos que destruíram a sua marcha. Os conservadores e os reacionários de todos os países esforçam-se por evitar este agravamento da evolução. Pretendem va

litar não houve nem vencedor, nem vencido. Nunca os alemaes soberanamente pelo front oriental, nem os franceses o poderam fazer. O general Pershing constatou este facto insosInstanceIdável.

Quando se pensa que homens como Lloyd George, Klotz, etc., etc., gritavam para enganar o público: «o haché pagará, pagará tudo», como zelos falavam na Conferência da Paz, de 600 milhares de francos-ouro a pagar da Alemanha, consultar as recordações do presidente Wilson, fica-se tomado de espanto não se sabendo se deve se deve ir desse imensa tarefa. Foi em vão, que Wilson, ficassem recordações do presidente Wilson, ficava-se tomado de espanto não se sabendo se deve se deve ir desse imensa tarefa. Foi em vão, que Wilson, ficassem recordações do presidente Wilson, ficava-se tomado de espanto não se sabendo se deve se deve ir desse imensa tarefa.

O que faz a habilidade e a grandeza dos britânicos é a sua maneira de encarar os factos em si e a sua vontade de adaptar. Num recente artigo da *Revue des deux mondes*, Firmino Roze, no meio de várias considerações *sol-dissant patrícias*, registava esta verdade, o pragmatismo de carácter britânico e extraia a conclusão a existência no tempo dum político continua e deseja dos britânicos. Isto é exacto, e a causa desse fenômeno está em que os britânicos agem no sentido da evolução humana. Resulta que os britânicos estão, sobre a Europa continental do Ocidente, avançados pelo menos, 25 anos. Refiro-me, bem entendido, à minoria da vanguarda, na conjunta da Europa Ocidental. Há mais de 25 anos que eu contava estes factos num dos meus livros.

O que faz a fraqueza dos franceses, especialmente, a dos dirigentes franceses, é não encarar os factos se não para se esforçarem em condicionar os seus desejos e às suas vontades, e quando se apercebem que não podem fazer apressam-se a não ver os factos ou a negá-los. Não há pior cego do que o que não querer ver, e pior ainda é o que se recusa a ouvir. E, então, eles praticam religiosamente a política da negação. Não há pior cego do que o que não querer ver, e pior ainda é o que se recusa a ouvir.

O verdadeiro realista que possui os grandes descobrimentos científicos. É esse espírito que possuem os anglo-saxões. Só o utopista procura adaptar os factos às suas maneiras de ver e se esgota nesta tarefa estéril e nociva. Assim foram Milland, Poincaré e outros governantes, exceptuando-se Massaryk. Bónes e os governantes bolcheviques.

Basta verificar este facto real que é a positiva existência da terra e saber que a guerra, militarmente, não teve nem vencedores nem vencidos, para deduzir que era necessário uma paz também sem vencedores nem vencidos; quer dizer uma paz sem vexatórias ocupações de territórios, uma paz simplesmente, com condições económicas para reparar as ruínas materiais acumuladas pelos fronts militares e para restabelecer a economia do mundo. Esta paz devi-

## Pela transformação das instalações de A BATALHA

Todos os leitores de A Batalha devem hoje afirmar o desejo de que o jornal que incarna e defende corajosamente as mais legítimas aspirações populares, possa continuar exercendo a sua elevada missão.

Basta para isso que todos eles concordem com a quantia mínima de 1 ESCUDO — quantia insignificante tendo em conta a grande depreciação da moeda.

Os milhares de leitores que A Batalha possui, se concorrem hoje com a quantia de 1 ESCUDO, realizam uma grande obra em benefício do seu jornal. Tornarão mais potente a sua voz, melhorando o seu aspecto gráfico, introduzindo as inovações de que ela necessita e eliminando-lhe as deficiências que a não deixam caminhar.

## LEITORES DE "A BATALHA"?

Que nem um só deixe de colaborar nesta obra de levantamento de "A Batalha", concorrendo hoje, com a quantia de 1 ESCUDO.

Auxiliar "A Batalha" com 1 ESCUDO equivale a assegurar uma melhor e mais profícua defesa da vida, da saúde e da liberdade das classes trabalhadoras!

10390

A transportar.....

Abri hoje em todos os lugares onde se trabalha e se produz, listas de subscrição: UM ESCUDO para A BATALHA

## Em torno da herança de Rocha Cabral

O dr. sr. João Camões varre a sua festa

O dr. sr. João Camões enviou-nos uma carta, acerca do discurso caso da herança de Rocha Cabral, cuja publicação passamos a fazer na íntegra:

«Sr. redactor de *A Batalha*: — No termo da publicação dos escritos do sr. Araújo torço a socorrer-me da vossa hospitalidade. Corresponderei ao leal acolhimento anterior, poupando palavras para não gastar espaço.

Colocado por mim ante factos concretos o sr. Araújo, em vez de ser preceito e claro, emigrou para os domínios da chicanas jurídicas. Gastou colunas nos metros, inflamou-se em tropos, desfez-se em inconsequências e nada elaborou de positivo.

No regime do expediente jurídico

O problema jurídico estava morto em pleno processo, visto o Tribunal da Relação ter resolvido contra o despacho do Juiz.

O caso do art. 1902 do Código Civil era igualmente morto, porque a lei n.º 1290 revoga toda a legislação em contrário, de maneira que, admitindo mesmo que aquele artigo obriga a liquidar em hasta pública toda a herança, esta lei expressamente admite que os bens fossem directamente entregues aos executores da vontade do testador.

A questão da capacidade de herdar do Instituto, também se encontrava morta, de resto, pois que o Código Civil no art. 1872 e no próprio art. 1902 tam virado e reverenciado pelo sr. Araújo, reconhece que podem ser legítimamente instituídos em testamento fundações a criar e a jurisprudência dos tribunais portugueses, durante bastantes anos s. guidos, tem firmado essa doutrina.

Por isso, o sr. Araújo adoptou o regime do expediente jurídico. Diz, por exemplo, que uma lei, contendo apenas um artigo, não necessita de ser regulamentada, o que é ultra-abuso, pois o simples bom senso nos diz o contrário. Na verdade uma lei com muitos artigos pode conter a matéria regulamentar, o que possivelmente não sucederá, no caso de ter um só artigo. E continua nesse tortuoso caminho, procurando estabelecer que só a venda em hasta pública garantia de desvios o remanescente da herança.

A venda em hasta pública diminuiria o valor da herança sem aumentar as garantias

Mas a venda em hasta pública teria por efeito a diminuição do valor do remanescente da herança. Não entra em linha de conta com o cambaço, enraizado no processo de adquirir publicamente, cujas características todos conhecem. Reporto-me às despesas de justiça que absorveriam algumas centenas de contos. Retiro-me ainda a desvalorização da moeda, que teria já neste momento abatido ao valor dos títulos ouro, que constituem a parte mais importante de referido remanescente, alguns milhares de contos, mais de 10,000 milhas de verbas do inventário.

E depois de diminuída tão consideravelmente a importância do legado à colectividade, como o produto da venda em hasta pública seria naturalmente entregue às pessoas, na posse das quais se encontra o remanescente, estariam nas mesmas condições de garantia. Repare-se que o Instituto, como fundação da utilidade pública, depende da fiscalização do Estado. Por consequência por qualquer venda que por ventura seja fiscalizável, estando a fiscalização facilitada pela descrição do inventário e pelas cotizações dos valores,

ambém suprindo as possibilidades dum guerra militar, pois que este fenômeno sociológico faltou na guerra mundial.

Era tudo isto que Wilson exprimiu nos seus famosos quatorze pontos, intitulados conscientemente por Clemenceau, Tardieu, Soucheur, Poincaré e outros.

Se os governos francês e inglês tivessem tido a intenção honesta de fazer a paz proposta por Wilson, a situação económica presente, quasi catastrófica, não existiria. Não teríamos os actuais pesados impostos. Não teríamos a necessidade de evacuar o Ruhr, em conformidade com as conclusões do relatório dos peritos, pois o que não o tinhamos ocupado. Não veríamos na Alemanha uma vaga de ultra-nacionalismo, e uma expansão de ódio contra a França.

Não veríamos a França isolada no mundo tendo contra elas as suas nações aliadas e associadas, e ainda as nações neutrais.

Tudo isto foi a obra do Bloco Nacional, do governo dos jesuítas e do Comitê das forças. E, ironia amarga, estas gentes pretendem ser cristãs. Eles pretendem seguir o ensinio de Cristo, que disse «ama o teu próximo como a ti mesmo. Todos os homens são irmãos, o que com ferro mata, com ferro morre; não condenes a fim de não seres condenado, perdoa-lhes porque elas não sabem o que fazem». Oh, irrisão das irrisões!

Augustus Hamon.

## Em plena democracia...

O tenente Sousa Azevedo está sofrendo uma nova arbitrariedade

O tenente Sousa Azevedo, cujo julgamento foi adiado para o facto de testemunhas, está cumprido em São Julião da Barra 15 dias de prisão.

Esta penalidade foi deixada em testamento pelo ex-ministro da guerra Américo Olavo e motivou-o a factos de Sousa Azevedo ter exposto na imprensa, em Carta-aberta ao presidente da República, as perseguições que lhe têm custado, as suas desassombradas acusações a várias figuras marcantes no exército e na política.

A carta-aberta foi publicada em Março e, recentemente, o Parlamento aprovou a amnistia dos delitos militares de pouca monta, devendo portanto nela ser reclamado o tenente Azevedo, visto que a justiça quando se é vítima de arbitrariedades, não pode ser considerado um crime, mas antes um direito inalienável.

## A favor de 'A Internacional'

O sr. Araújo afirmou que a herança tinha sido vendida particularmente, o que não provou nem poderá provar, por ser falso.

Não faço suposição nenhuma, ácerea dos intuições do sr. Araújo, recorrendo à chicanas, onde devia usar factos. Da memória dos leitores de *A Batalha*, não se apagaram talvez estes períodos da sua primeira carta, aqui estampados em normando os dois primeiros, no número 178, de 2 de setembro.

«Elaborou-se um decreto regulamentar, cuja data pode ser rebuscada a fls. dos autos, revogando o Código Civil, dando ao administrador da herança, a faculdade de a vender particularmente.»

«De sorte que foi vendido por 5,000 contos, valor que figura no aludido inventário (e pelo qual sómente é responsável o administrador), um remanescente, cuja equivalência em dinheiro anda à roda de 58,000 contos.»

«Quais os fins dos legisladores? Qual o destino das diferenças ocultas nestes desbarato, ocasionado pelo salutar princípio da oferta e da procura, consignado no Art. 1902?»

«O decreto não revoga o Código Civil, cuja revogação foi efectuada pela lei n.º 1290.»

«Ora a venda do remanescente, ou de qualquer parcela dele, não se realizou. Ora todos os valores descritos no inventário, segundo informa, são fiduciários, que ficaram na posse do Instituto, incluindo os poucos móveis que a viúva deixou ficar, dos muitos que constituiam o reino da herança, ainda hoje em poder dele se encontram.

Não houve, pois, ilegalidade, nem venda, nem desvio dos bens da herança, da forma a que os destinara o beneficiário testador.

O decreto que firmei, foi mesmo mandado aplicar por um tribunal superior. Isto são factos, não são frases. O sr. Araújo, como os não pôde destruir, cito.

«Afirmei ele, porém, ter havido uma venda que não houve, e insinhou a existência desse desvio de muitos milhares de contos, que não existe, como tâda a gente pode verificar.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade, pela miséria mental e moral que traduzem. Por isso me ative ao núcleo da questão, deixando o lixo os seus refolhos.

Esperando merecer a hora da discussão destas linhas e reiterando os factos, esforçadamente, peleando-lhes para meus agradecimentos, cumprimento-o afectuosamente, encerrando-lhes para meus amigos.

Logo, o sr. Araújo caluniou.

E as provas de que caluniou, escuso de ir mais longe, estão arquivadas em *A Batalha*, como acabo de mostrar.

Os escritos do sr. Araújo são um alfabete de inconsequências, de que me comove com uma sincera piedade

# O caso de Vila Nova de Gaia

Desfazendo uma especulação policial em torno de operários presos devido a uma infame denúncia

PORTO, 9 - A nebulosa de suspeitas muita dedicação pela organização operária, que se desenvolveu à volta do caso de Vila Nova de Gaia, vai-se dissipando pouco a pouco. Nada existe de comum com a tragédia dos Olivais.

Tudo girou em derredor de mera hipótese, tudo obedeceu ao anonimato de denúncias falsas.

Nunca pais de denunciante, traidores e espíritos malfeitos, não é para admirar que os mesmos factos se repitam e identicas consequências se lamentem.

A tragédia dos Olivais obedeceu a um miserável denunciante; a cena do conselho visinho teve o mesmo inicio.

Quem foi o denunciante? A polícia não o declara, a imprensa, que se reporta às informações policiais, não o revela. Se dermos, porém, crédito às suposições de alguém, essa denúncia partiu do sobre-aluga do deão do Sindicato Metalúrgico, escola da juventude secção da indústria de oficiais e Associação dos Caixeiros, o qual, tendo estabelecido por baixo, tem manifestado desejos de pôr na rua aquelas colectividades.

Não podemos, contudo, garantir, mas o que sabemos, e a imprensa se fez eco, é que a denúncia informava que uns "indivíduos" pernoitavam na sede dumha corporação operária instalada no alto da Avenida da República não aparecendo durante o dia, e apenas saindo durante a noite ou de madrugada. «Na informação inclui-se a suspeita de que esses indivíduos estariam, talvez, mais ou menos relacionados com os trágicos acontecimentos dos Olivais.

Isto leva-nos num jurnal matutino desta segunda capital, que já fôra acusado de haver pertencido à moagem.

Por aqui se deduz que o denunciante andava a jôgo com as entradas e saídas dos tais indivíduos. Por aqui se poderá também duvidar de que o denunciante pode muito bem ser o tal sobre-aluga... E' cédo, porém, para se fazer a verdadeira história, como ontem muito acidentalmente se disse na U. S. O.

Isto não impede, todavia, de se fazer a seguinte pergunta. ¿Quem o verdadeiro culpado é? Sem dúvida alguma, ou a lógica é uma batata, que é a criatura que denunciou por maldafe, por vingança ou por simples palpite - dando origem a que a polícia, também por palpite, por cálculo, por hipótese se puzece em ação, dando crédito a informações anónimas?

O jovem sindicalista José Castela, quando o fôrão prender à sede do referido sindicato, dormia a sono solto, embora o faneiro afirmasse que, a princípio, tentou resistir, afirmando não se dar à prisão, entregando-se só depois da atitude energica dos agentes. Esta atitude energica dos agentes não daria razão a uns zuns-zuns acerca de violências, cometidas na pessoa do Castela?

Não queremos ser injustos e, por isso, esperamos por notícias concretas...

O caso é que Castela dormia a sono solto. Não assistia à scena entre o Hernandez e os políticos, não ouvia as detonações. Nada tinha, portanto, com o ocorrido. Foi, porém, preso - porque estavam sob a denunciante impressão de que era também um dos protagonistas dos Olivais.

Agora averiguemos que o Castela, o qual não negara as suas ideias libertárias nem a sua filiação na juventude sindicalista, procurava insistentemente colocar-se e que «não ultimamente, se fôsse de outro lugar onde dormisse, se decidira a pernoitar no sindicato de Giaia».

Logo, enquanto Hernandez passava o dia a trabalhar numa serraria da rua de Camões, em Gaia - o que está provado - o Castela passava a prestar ocupação, sendo auxiliado pelos seus camaradas do norte, um dos quais, David de Oliveira, fio dos seus melhores auxiliares. Daí a razão de saírem pela manhã do sindicato e só à noite entrarem... Como no sindicato não havia cosinha, comiam fora...

CARLOS A. SANTOS  
Depósito: Rua do Arsenal, 80 - LISBOA

## Universidade Livre

Deste organismo de educação popular recebemos o seguinte ofício:

«Sr. director do jornal A Batalha - Ao terminar o ano lectivo de 1923-24 o Conselho Administrativo da Universidade Livre vem perante v. agradecer a valiosíssima cooperação que o jornal A Batalha, de que v. é meu digno director, dispensou a esta colectividade.

Com a maior estima e consideração subscrivem-nos, de v. etc., pelo Conselho Administrativo. Francisco Rosa.»

## Pedras para isqueiros

Legítimo membro Auer dizer privadamente que a academia universitária é que faz melhor fogueira e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos  
(endado como as imitações)

Venda aos centos e aos milhares, assim como isqueiros, rosas, tubos, pipos e tanques, aos melhores preços para revenda.

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 - LISBOA

## Marcos postal

Abrantes. - (agente) - Recebemos li-

quidação.

Guarda. - M. Oliveira. - Recebemos

45\$00 para A Batalha e Olivas.

Castelo Branco. - J. F. Magalhães. - Su-

bito pago até o final do ano e 4\$00 sobro fogo para as munig.

Fall River. - Assinantes. - Augusto

Pires. Ficou pago até 31 de Dezembro de 925; João Pimentel, idem, até 30 de Junho de 924; Diamantino Teixeira, idem, até 30 de Junho de 924; Guilherme Me-

deiros, idem, até 30 de Novembro de 924; João Soares, idem, até 15 de Fe-

vereiro de 924; Alfredo Campos Pessôa

até 31 de Dezembro de 924.

## COLUNA ESPERANTISTA

Nova Voj (Sociedade Esperantista Operária) - Na próxima semana repara-

s-sa na sede, Rua do Mundo, 81, 2º.

A assembleia geral para nomeação da nova comissão administrativa e aprovação de uma proposta tornando oficialas

as funções do Curso Prático. E' nece-

sária a comparsa de todos os sócios,

para que a sociedade mantenha a sua

virtude das suas ideias e da sua

tar os escravos e os preceptores das duas crianças,

de quem partilham o reino.

E' ahí está como se fundam as monarquias aben-

coadas pelos nossos bispos, disse Ronan. São bonitas

as realezas, não é assim, meus Vagros? Ah! pelo Ri-

tha-Gaur! por esse santo gaulez dos tempos passados,

que teceu o seu saio com as barbas dos reis! o me-

lhior de todos, eles devia ser enfocados; não é esta a

tua opinião, nosso amigo? acrescentou ele dirigindo-se

ao eremita lavrador, que, sempre silencioso e pensa-

to, não fazia mais do que ouvir. Dize? não será o

dever de todo o filho da Gália guerrear essa raça de

reis amaldiçoados como se guerreiam os cães danados?

Exterminar os cães danados é bom, não há dú-

vida, respondeu o eremita; mas fazer com que elas se

não danem ainda é melhor...

Eremita, serás tu capaz de fazer com que um rei

franco não nasça ladão e assassino?

E, preciso fazer em primeiro lugar com que ele

não nasça rei, duque, conde ou senhor, e que não se

julgue também senhor dos bens e da vida em comum

das pessoas... Jesus de Nazaré disse:

O escravo é igual ao seu senhor... da igualdade

entre os homens nascerá um dia a fraternidade entre

elos.

Depois o eremita lavrador tornou a cair na sua si-

lenciosa meditação.

Já por duas vezes segui a pista desse último rei

do Auvergne por direito do saque e de mortandade,

disse Ronan; não pude nunca pôr-lhe; mas pelo Ri-

tha-Gaur! se o Clotário me cai debaixo da unha, hei

de fazer-lhe a barba... e tão perto dos homens, que

a cabeça não lhe há de tornar a aparecer mais...»

Ronan, tu contas com as demonstrações da mi-

niña retórica: Baseia-as premícias, agora vou às conse-

quências; ora lógica vou provar-te que tu não pode-

res nunca coisa alguma contra Clotário... O senhor

Deus protege-o...

Ao meigo tio que tinha a amabilidade de matar

os sobrinhos astuciosos

## TEATROS & CINEMAS

### TEATRO AVENIDA

#### A peça de Kistemaeckers

##### «O Instinto»

«O Instinto» é uma das peças mais interessantes do Kistemaeckers e pertence ao número de aquelas em que o dramaturgo absolutamente senhor das suas faculdades não tinha ainda envergadura para sua última maneira, um pouco explorados trabalhos, em tudo dignos do seu talento.

Continua obtendo merecido sucesso o brilhante melodrama de Dr. Courcier: «Os dois garotos». Ilda Stichini e Esther Léon têm nos protagonistas magníficos trabalhos, continuando a agradar os de Maria Pia, Helena de Castro, Ribeiro Lopes, Luis Pinto, etc.

«Os dois garotos» começa todas as noites às 21,30 horas, para comodidade do público.

Hoje, no Eden, é a penúltima representação da galante revista «Lu Nova», que amanhã se despede, definitivamente.

Hoje repeete-se no São Luís a «Vida Nova», exhibindo-se, também os «Anúncios».

Repeete-se hoje no Trindade a encenação do estrela do Apolo, invariavelmente ótima que conjecturas é mais ainda isso, se dá se considerarmos, como é natural, o instinto nos vários aspectos por que ele pode apresentar-se segundo as circunstâncias e as pessoas. Até onde poderá ir o instinto?

És uma pergunta a que impossivelmente se responderá. Mas há os casos comuns do instinto, e esses podem tratarlos com mais ou menos segurança o psicólogo, nomeadamente, na denúncia, individuos lá dormissem, sem procurar saber da vida particular dos hóspedes, mas em atenção à sua qualidade de sindicatos.

«O Instinto» é uma das peças mais interessantes do Kistemaeckers e pertence ao número de aquelas em que o dramaturgo absolutamente senhor das suas faculdades não tinha ainda envergadura para sua última maneira, um pouco explorados trabalhos, em tudo dignos do seu talento.

Continua obtendo merecido sucesso o brilhante melodrama de Dr. Courcier: «Os dois garotos». Ilda Stichini e Esther Léon têm nos protagonistas magníficos trabalhos, continuando a agradar os de Maria Pia, Helena de Castro, Ribeiro Lopes, Luis Pinto, etc.

«Os dois garotos» começa todas as noites às 21,30 horas, para comodidade do público.

Hoje, no Eden, é a penúltima representação da galante revista «Lu Nova», que amanhã se despede, definitivamente.

Hoje repeete-se no São Luís a «Vida Nova», exhibindo-se, também os «Anúncios».

Repeete-se hoje no Trindade a encenação do estrela do Apolo, invariavelmente ótima que conjecturas é mais ainda isso, se dá se considerarmos, como é natural, o instinto nos vários aspectos por que ele pode apresentar-se segundo as circunstâncias e as pessoas. Até onde poderá ir o instinto?

És uma pergunta a que impossivelmente se responderá. Mas há os casos comuns do instinto, e esses podem tratarlos com mais ou menos segurança o psicólogo, nomeadamente, na denúncia, individuos lá dormissem, sem procurar saber da vida particular dos hóspedes, mas em atenção à sua qualidade de sindicatos.

«O Instinto» é uma das peças mais interessantes do Kistemaeckers e pertence ao número de aquelas em que o dramaturgo absolutamente senhor das suas faculdades não tinha ainda envergadura para sua última maneira, um pouco explorados trabalhos, em tudo dignos do seu talento.

Continua obtendo merecido sucesso o brilhante melodrama de Dr. Courcier: «Os dois garotos». Ilda Stichini e Esther Léon têm nos protagonistas magníficos trabalhos, continuando a agradar os de Maria Pia, Helena de Castro, Ribeiro Lopes, Luis Pinto, etc.

«Os dois garotos» começa todas as noites às 21,30 horas, para comodidade do público.

Hoje, no Eden, é a penúltima representação da galante revista «Lu Nova», que amanhã se despede, definitivamente.

Hoje repeete-se no São Luís a «Vida Nova», exhibindo-se, também os «Anúncios».

Repeete-se hoje no Trindade a encenação do estrela do Apolo, invariavelmente ótima que conjecturas é mais ainda isso, se dá se considerarmos, como é natural, o instinto nos vários aspectos por que ele pode apresentar-se segundo as circunstâncias e as pessoas. Até onde poderá ir o instinto?

És uma pergunta a que impossivelmente se responderá. Mas há os casos comuns do instinto, e esses podem tratarlos com mais ou menos segurança o psicólogo, nomeadamente, na denúncia, individuos lá dormissem, sem procurar saber da vida particular dos hóspedes, mas em atenção à sua qualidade de sindicatos.

«O Instinto» é uma das peças mais interessantes do Kistemaeckers e pertence ao número de aquelas em que o dramaturgo absolutamente senhor das suas faculdades não tinha ainda envergadura para sua última maneira, um pouco explorados trabalhos, em tudo dignos do seu talento.

Continua obtendo merecido sucesso o brilhante melodrama de Dr. Courcier: «Os dois garotos». Ilda Stichini e Esther Léon têm nos protagonistas magníficos trabalhos, continuando a agradar os de Maria Pia, Helena de Castro, Ribeiro Lopes, Luis Pinto, etc.

«Os dois garotos» começa todas as noites às 21,30 horas, para comodidade do público.

Hoje, no Eden, é a penúltima representação da galante revista «Lu Nova», que amanhã se despede, definitivamente.

Hoje repeete

## A BATALHA

## SECÇÃO DE LIVRARIA

DE

## “A BATALHA”

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. E' a ignorância. «Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre o refletindo no que se lê.

—Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E' assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colônias e estrangeiro, mediante remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 5 quilos \$500, pacotes até 2 quilos \$15 cada 50 gramas, e mais \$40 para registo em cada pacote. Ilhas — Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos \$350, América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$50.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

—Um revolucionário que não estuda é como um barco sem piloto.

—Eduquemo-nos e instruamo-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

—O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

## Publicações sociológicas

	Pelo correio
Organização Socialista	500 00
Antonelli, A Rússia socialista 1923 1924 1925	500 00
Comuna: A macaroniana do proletariado 1923 1924	500 00
Portuguese crise em 1923 1924	500 00
O proletariado 1923 1924	500 00
Africa Lux: O comunismo nos Estados Unidos 1923 1924	500 00
Briand: A greve geral 1923 1924	500 00
Bacunino: Na sequência em que somos anarquistas 1923 1924	500 00
Garcia: A morte 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal: O anarquismo 1923 1924 1925	1200
Mapetista: Porque não votar 1923 1924	500 00
Quem é quem 1923 1924	500 00
Brasil: Como não ser autor 1923 1924	500 00
Br. Alberg: O amor livre 1923 1924	500 00
Content: Contra o capitalismo 1923 1924	500 00
Portugal:	